

DAS RELAÇÕES ESTÉTICAS COM A NATUREZA

Prof^ª. Dr^ª. ANA MÁRCIA SILVA

Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

*Este artigo, parte de uma pesquisa em andamento¹, pretende discutir alguns elementos conceituais necessários para a análise das possibilidades das relações estéticas com a Natureza, sendo esta compreendida na acepção do radical grego *aisthesis* como sensibilidade, centrada, portanto, no corpo e na experiência corporal. Trata-se, com a reflexão conceitual, de analisar as possibilidades de as relações estabelecidas por práticas de aventura na Natureza contribuírem para com uma perspectiva emancipatória, ciente de suas ambigüidades originadas nas tensões de sua constituição histórica e de seus usos atuais, assim como a função do discurso estético que prevalece nas economias de mercado.*

PALAVRAS-CHAVE: Estética; natureza; corpo; educação física.

¹ Trata-se da pesquisa de pós-doutoramento desenvolvida junto ao Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya (INEFC), Universitat de Barcelona, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

De quando se dizia que os deuses se reuniam e tomavam seus assentos sobre as montanhas da Grécia seguiu-se um longo tempo. No ponto mais alto, acreditava-se que Zeus se assentava e reunia, a toda voz, os demais deuses à sua volta. Essa é a descrição do Olimpo, lendário lar dos deuses, feita por Homero (1955) há mais de 25 séculos, na qual afirmava que para seus habitantes, lá naquelas alturas, não havia tempo ruim e os dias transcorriam com tranqüilidade, em meio ao éter e à luz.

Pela profunda conotação mitológica dessa montanha naquele período e por muito tempo, não se tem notícia de que alguém ousasse nela subir. Mesmo depois, passado o Império Romano e com a consolidação do catolicismo na região, não havia a necessidade, o desejo ou a disposição para estar naquele espaço. Até fins da Idade Média, eram as bruxas, monstros e dragões que habitavam esses sítios, de acordo com o imaginário da população, como nos diz Klaniczay (2003). Esses seres demoníacos iriam ser, gradativamente, expulsos das alturas, a partir de todo processo de secularização da vida que se foi constituindo desde então.

O Renascimento registraria algumas incursões a montanhas com finalidade exploratória e não muito longe dali, como discutimos anteriormente (SILVA, 1999; PERETI; SILVA, 2005), o empreendimento técnico-científico avançava a largos passos e em várias direções: desbravando nossa natureza interna, no caminho aberto pelas dissecações anatômicas até a estrutura das células; desbravando a natureza externa, no caminho aberto pelas expedições contratadas, por rumos como o alto das montanhas para as demarcações geográficas e realização de experiências químicas².

No início do século XX é que se vai documentar a chegada ao alto do Monte Olimpo de uma expedição suíça³, marcando os primeiros passos humanos nesse que, até algum tempo antes, era considerado um local proibido, seja porque divino, seja porque demoníaco. Esses suíços eram adeptos da atividade que ficou conhecida como alpinismo, por ter-se desenvolvido nos dois séculos anteriores junto aos Alpes, sobretudo, em sua parcela francesa.

A chegada ao Olimpo é exemplar nesta discussão, apesar de não ser o primeiro evento de subidas em montanhas realizado no tempo livre, por apresentar

² Lembrar aqui das iniciativas do geógrafo francês Horace Benedict de Saussure junto ao Mont Blanc, nos Alpes franceses, patrocinando uma expedição em 1785 e, algum tempo depois, seguindo com outra para realizar experiências químicas no alto da montanha (VAUSE, 1992).

³ O ano é 1913 quando Daniel Baud-Bovy, Frédéric Boissonas e Christos Kakalos atingem o cume, conhecido por Mytikas (BUFFET, 2006).

as alterações profundas que ocorrem nas concepções de Natureza e nas práticas culturais realizadas junto à ela. Esse espaço natural foi sendo constituído por diversas e contrastantes significações culturais e as diferentes relações que o ser humano foi estabelecendo com essa montanha reafirmam a importância de atentar para o caráter histórico de todas as práticas culturais. Juntamente com a invenção estética da montanha, encontra-se a prática do montanhismo, como uma nova relação estética com essa parcela da Natureza, carregada de uma grande dose de aventura.

Compreendendo, assim, a modernidade desse tipo de relação com a Natureza, com toda carga das características e tensões que esse tempo histórico ainda mostra, busco analisar os elementos que constituem essa relação, estabelecendo alguns marcos conceituais para problematizar as investigações acerca do tema.

Considero importante superar o subjetivismo do mero relato das sensações individuais que aparecem, freqüentemente, nas pesquisas acerca do tema, assim como o empirismo dos dados que acompanham, sobretudo, o enorme crescimento desse fenômeno das atividades físicas de aventura na Natureza (Afans), conforme denominam Betrán e Betrán (1995), ou dos chamados esportes de aventura, ambos vinculados ao ecoturismo e ao lazer. Considero, ainda, que é fundamental caracterizar, conceitualmente, esse fenômeno levando em conta não só o princípio histórico que o constitui, mas também as relações estruturais que estabelece com a economia de mercado, porém, considerando que sua especificidade não se esgota nesses componentes objetivos.

É preciso reconhecer a complexidade desse fenômeno estabelecido na aventura do encontro ser humano e Natureza. A dimensão estética que se constitui como específica e fundamental desse fenômeno não deveria ser tratada a partir de um posição irracionalista, desconsiderando a capacidade intelectual presente nesse tipo de experiência ou nas possibilidades de sua apreensão conceitual, ainda que reconhecendo a presença de componentes sensíveis ou imaginários que permanecem irredutíveis a essa apreensão. Pelo contrário, acredito que haja um encontro iluminador entre o conceito e a experiência estética.

Em termos investigativos, as indicações conceituais tornam-se fundamentais, sobretudo quando a intenção vai além de compreender mais adequadamente a realidade, como identificar princípios para a construção de outra realidade, ainda como *outopos*. A reflexão teórica torna-se fundamental, tanto mais se a intenção for construir indicadores ético-políticos que auxiliem a balizar iniciativas em diferentes âmbitos sociais. A partir dessa compreensão, constituir alguns elementos para análise das possibilidades de as experiências estéticas junto à natureza contribuírem para com uma perspectiva emancipatória.

Para discutir as relações estéticas que o ser humano pode estabelecer com a Natureza, e, evidentemente, não só com ela, é importante refletir melhor sobre a história desse conceito. Considero importante ampliar a noção de estética, para além de sua compreensão como filosofia ou ciência da arte, tal como vem sendo tratada formalmente. Essa noção constituída na modernidade fundamenta-se no trato da arte apenas em sua compreensão classicista, com uma clara subordinação à categoria do belo na trajetória de sua transformação em disciplina científica.

O termo grego *aesthetica* foi escolhido por Baumgarten⁴ como título de sua principal obra, dada sua amplitude que remete ao corpo, a toda uma região da sensibilidade e da percepção humana que não haviam sido alvo de preocupações da filosofia do período. Termina, porém, por defini-la como a ciência que trata do conhecimento sensorial necessário para a apreensão do belo que se expressa nas artes. Ao difundir esse termo, mais do que ser o pioneiro no intento de constituir a estética como ciência, torna-se o porta-voz do espírito de seu tempo, contrapondo o conhecimento sensível à lógica, como a ciência cognitiva por natureza. Como diz Marcuse (2001, p. 172), com Baumgarten e, sobretudo com Kant, a constituição da disciplina estética estrutura um novo dualismo, instalando-se a “ordem da sensualidade” contra a “ordem da razão”.

No início da modernidade, como talvez até nos dias atuais, arte era apenas aquela produzida no seio da cultura européia e o belo sua categoria central, sendo este identificado com o clássico em cada uma das manifestações ou linguagens artísticas. A estética assim constituída vai enfatizar, gradativamente, a identificação do conhecimento sensorial reduzido às possibilidades de contemplação dessa concepção de arte e do belo como sua referência central, ao lado de outras categorias secundárias como o sublime e o trágico.

Outras possibilidades apreensíveis pela sensibilidade, tal como o feio, o cômico, o grotesco, foram rechaçadas dos estudos estéticos e desconsideradas como constituintes do estético. A presença desses elementos na realidade, na materialidade do mundo, não se constituía alvo dessa estética e nem mesmo aquelas produções nesse âmbito, que se caracterizavam a partir de um desses elementos, eram consideradas arte.

⁴ Alexander Gottlieb Baumgarten (Berlim, 1714-1762) publica, em 1750, o primeiro volume dessa obra, e oito anos depois o segundo, considerando-a, ainda assim, inacabada ante a dimensão da tarefa a que se propôs (JIMENEZ, 2003).

Com essa noção de estética como ciência da arte que se difunde na modernidade, não seria possível ultrapassar sua compreensão classicista e incluir outras linguagens e expressões artísticas, ou outras possibilidades que se apresentam na materialidade sensível. Não seria possível, inclusive, analisar, adequadamente, outras práticas culturais que se vão constituindo contemporaneamente, como é o caso das chamadas Afans, apesar do grande conjunto de pesquisas produzidas até o momento⁵. Um esforço, para análise estética do fenômeno esportivo, tornou-se mais freqüente⁶, dado este que atingiu uma repercussão mundial, inusitada e que surpreende por suas dimensões.

Talvez porque essa amplitude impediria as explicações inteiramente objetivas e fundadas como aquelas as quais se propõe a ciência de traços ainda positivistas. Mais do que isso, o caráter menos palpável da estética, de certa forma, opaco à razão, colocar-na-ia fora dos ideais científicos, sobretudo caso se dedicasse ao estudo de fenômenos que englobam fortes emoções e componentes pulsionais, como é o caso dessas práticas corporais, afastando o interesse de estudos dessa natureza. Apesar disso, a estética desenvolveu-se e tornou-se um forte e poderoso discurso, também porque a lógica prevalente acredita que deve, de algum modo, compreender e controlar o incontrolável.

Ainda assim, a constituição da estética na modernidade nasce como um discurso acerca do corpo e nossa intenção aqui é retomar a amplitude desse termo e os desdobramentos daí decorrentes. Há todo um conjunto de pensadores críticos, sobretudo do século XX em diante, que mostram a importância de compreender a estética em toda sua complexidade e em sua diversidade histórica. As reflexões desses pensadores, ainda que com diferentes matizes teóricos, têm como ponto de convergência o sensível e a sensibilidade; centram sua reflexão na força da experiência que, como tal, é necessariamente corporal.

Aqui, coloca-se uma questão fundamental deste estudo. A intenção é retomar, a partir da reflexão estética, a centralidade do corpo no processo de construção das subjetividades, constituindo elementos que possam contribuir com uma teoria do saber sensível. A aproximação entre a categoria do estético e a idéia de

⁵ Inácio (2006) identifica no Brasil o trabalho pioneiro da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), através do Grupo de Estudos Lazer e Cultura (<http://www.unicamp.br/fef/grupos/glec/glec.html>) e as iniciativas da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Júlio de Mesquita Filho, com o Laboratório de Estudos do Lazer (http://www.rc.unesp.br/lb/efisica/lel/pagina_inicial.htm), entre outros.

⁶ Uma referência importante nesse campo no Brasil vem constituindo-se a partir da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o Grupo de Pesquisa Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais, com produções disponíveis online (<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/>).

experiência que queremos desenvolver obedece à essa intenção. Encontra-se, assim, na esteira do pensamento expresso por Eagleton (1993), pautando-se na impossibilidade de separação desses termos, assim como nas proíquas possibilidades teóricas e políticas de sua aproximação.

O estudo de práticas culturais como essas que tematizei, as quais se expressam, fundamentalmente, no âmbito corporal, justamente por seu caráter ambíguo e contraditório, torna-se tão mais importante quanto mais cresce o caráter técnico e abstrato das sociedades contemporâneas, como indica esse autor. Com sua abstração, fascínio e relativismo, a estética tornou-se uma ideologia e tem sido empregada largamente no âmbito da economia de mercado, inclusive no lazer, como alguns estudos já apresentaram⁷. Porém, com a estética pode-se vislumbrar possibilidades humanas sequer imaginadas, como diz Eagleton (1993, p. 13), ter uma “visão radical das potências humanas como fins em si mesmas, o que a torna o inimigo implacável de todo pensamento dominador ou instrumental. Ela aponta, ao mesmo tempo, uma virada criativa em direção ao corpo sensual, e a inscrição deste corpo numa lei sutilmente opressiva [...]”.

Carregada dessas ambigüidades, a estética torna-se um eixo central, por seu estudo permitir enfocar a questão das intensidades do corpo, sem perder de vista os grandes temas políticos deste tempo histórico. Assumir a importância do corpo, da corporeidade como uma forte tendência de investigação, apesar e sobretudo ante os investimentos feitos no âmbito da economia de mercado para a construção das subjetividades modernas, é o desafio que nos mobiliza.

A FRUIÇÃO NA NATUREZA: ALGUNS ELEMENTOS CONSTITUINTES DAS RELAÇÕES ESTÉTICAS

A reflexão acerca da constituição de uma relação estética com a Natureza e suas características e possibilidades leva, primeiramente, ao seu princípio histórico. Ainda que se possa encontrar fragmentos ou relatos de relações dessa natureza em épocas anteriores, o caso exemplar das formas de interação com as montanhas, citado no início do artigo, mostra que havia outros significados em jogo. O conteúdo estético, se esteve presente em algum nível da consciência, não era preponderante nessas relações com a Natureza.

Cabe reconhecer que a modernidade vai registrar a existência de um tipo peculiar de relações humanas com a realidade. Um tipo de relação com a Natureza-

⁷ Importante análise desta questão foi desenvolvida por Mascarenhas (2005).

za, com os objetos, processos e atos humanos que necessitam, justamente por sua especificidade, de uma forma de reflexão particular, a da estética, como diz Vázquez (1999, p. 5-6).

Atendendo à amplitude do termo, observa-se que há um conjunto de elementos, sejam estes naturais, como uma montanha, um rio ou uma flor, sejam construídos pelos seres humanos, como um quadro, uma sinfonia ou um vaso, que possui qualidades que o faz constituir aquilo que o autor citado denomina de “universo estético”. Juntamente com esse conjunto peculiar de elementos, identifica-se um modo de apropriação humano, uma forma de percepção específica que estabelece com esses elementos uma relação estética, gerando um comportamento estético.

Pode-se, então, comportar-se, esteticamente, na vida cotidiana, dependendo da relação que se estabelece com a realidade à nossa volta. Não são as coisas do mundo, naturais ou construídas, nem nós em nossa humanidade que somos, de *per si*, estéticos, e sim o tipo de relação que se pode estabelecer. A situação em que há uma interação peculiar entre o sujeito e o elemento em questão, o qual possui qualidades específicas que suscitam a sensibilidade humana, é que denomino de estética.

O sujeito ao qual me refiro não é o ser humano compreendido como um ente abstrato, mas sim o sujeito deste tempo histórico que vivemos. Por sua trajetória pessoal e como parte do gênero humano, constituiu o interesse e as possibilidades de viver experiências eminentemente estéticas no contato com a Natureza. De outra via, a Natureza não é estética *em si*, assim como não é útil; porém, há elementos da Natureza que pelas características de sua materialidade suscitam experiências estéticas de diferentes ordens. Assim, como ela só tem função e utilidade para nós, humanos, ela não se constitui como um objeto estético independente dos seres humanos, ainda que tenha qualidades que são, potencialmente, estéticas.

Parece-me, então, que a via adequada de compreensão do estético não é caminhar por um subjetivismo que concentra as possibilidades estéticas no humano e em seu grau de apreciação empurra-me para um relativismo de difícil solução e no qual tudo ou nada pode ter valor estético. Assim como também é preciso considerar que há características na materialidade natural que lhe conferem essa potencialidade estética, mas que apenas na relação com os seres humanos se tornam qualidades estéticas, para evitar um objetivismo na definição da origem do estético, como mostra Vázquez (1999). Como seres de relação que somos, é a relação que se pode tornar estética; é na interação que sujeito e objeto colocam em jogo suas potencialidades estéticas. Fora da situação estética constituída nesse encontro, no

caso desse tipo que estou enfocando, a Natureza e o humano não são sempre estéticos ou cumprem unicamente uma função estética.

Vivemos, neste momento coletivo, com uma condição cultural que nos permite apreciar e interagir, esteticamente, com a Natureza, ainda que seja necessário reconhecer que, individualmente, há uma enorme variação das possibilidades de percepção estética. As histórias de vida, em toda sua complexidade e diversidade, colocam diferentes limites para essa capacidade estética de cada indivíduo, dado que se constitui como uma qualidade que precisa ser desenvolvida, educada. Situações estéticas devem ser vivenciadas para que a percepção estética se desenvolva. A oportunidade de estar em situações dessa natureza possibilita um desenvolvimento criativo dos aspectos sensíveis, dos impulsos lúdicos espontâneos, do prazer e da autogratificação que podem proporcionar.

Para isso, no entanto, há necessidade de contrastes, diferenças em relação ao cotidiano. Uma experiência dessa natureza pressupõe um comportamento estético distanciado dos desejos imediatos e caracterizado pela "receptividade", como Kant (1997, p. 79) já o afirmava, e que permite a "afetação" do sujeito pelo sensível. Certo equilíbrio emocional, um distanciamento das necessidades e preocupações imediatas é condição de abertura para o Outro, de uma atenção interessada para com a materialidade sensível que permite uma experiência estética. De outra forma, o sujeito se veria impossibilitado de viver outras sensações por estar como que prisioneiro das pré-condições rotineiras.

Outro risco seria projetar nos elementos da Natureza seu estado de ânimo, como em relatos que Vázquez (1999, p. 112) registra e nos quais se encontram expressões como "mar raivoso", "montanha triste". Essa projeção pode constituir-se em outra forma de dominação humana, ainda que velada, na qual o sujeito projeta a si mesmo no elemento natural em questão, ao atribuir-lhe características anímicas, exclusivamente, humanas. Tal projeção ainda se vê reforçada pelos meios de comunicação de massa que, freqüentemente, utilizam expressões inadequadas, ao referir-se aos elementos naturais, quando não pejorativas, do tipo "Natureza assassina", "vingança da Natureza". O desequilíbrio nos pares da relação estética e, sobretudo a primazia do sujeito sobre o objeto, é mais uma das características da lógica da dominação que não deve deixar de ser questionada.

A força dos interesses imediatos também pode caracterizar de outra forma a atividade desenvolvida, constituindo uma relação na qual ocorre uma sobreposição de preconceitos ou funções outras atribuídas à Natureza. Um caso possível seria vermos um geógrafo que por força dos conhecimentos de sua profissão, ao descer um barranco numa prática de rapel como lazer, veja-se analisando os tipos e as camadas de terra que vão passando à sua frente.

A ocorrência mais freqüente, talvez, seria ver um esportista em meio à mata, um ciclista, por exemplo, concentrado no ritmo de suas pedaladas ou de seus batimentos cardíacos, no nível de dificuldade de cada trecho do caminho. Atento, enfim, aos dados que possam influir em seu desempenho no esporte ao qual se dedica e não na percepção da paisagem onde se encontra. De forma geral, é essa a condição que se observa nos esportes, assim como nas atividades de aventura que se vão esportivizando. As características como a exigência da maximização do rendimento e a competitividade, entre outras que constituem o cerne da instituição esportiva, impõem-se sobre outros possíveis objetivos, criando grandes obstáculos a uma relação estética com a Natureza.

Em ambos os casos, a atenção focada em outro tipo de interesse leva a uma falta de receptividade e abertura para com o Outro. A paisagem ou o elemento da natureza, “o sensível não é simples meio ou estação de passagem, mas sim um aspecto intrínseco e indissolúvel do objeto estético que reclama como fim, e não como meio, a percepção correspondente” (VÁZQUEZ, 1999, p. 119). Essa coisificação coloca a Natureza numa mera condição de meio ou instrumento para algo. A relação que ocorre aí pode ser chamada de profissional ou acadêmica no primeiro caso, ou prático-utilitária no segundo, conforme o tipo de interesse que prevalece em cada caso. Não se constitui, porém, uma relação que possa ser designada como estética. Ainda que reconhecendo as dificuldades de afastar a semente de domínio da Natureza que constitui um dos eixos desta civilização, há que assumir certo controle sobre esse poder, sob pena de também sermos dominados por ele no âmbito das relações estéticas, como no mais.

Esse afastamento, sempre relativo e temporal, dos desejos imediatos não significa uma aproximação desinteressada. As possibilidades de apreensão da Natureza, em suas características que remetem à beleza como a outras categorias estéticas, encontram-se em constante relação com outros interesses humanos que estão em jogo em cada nova experiência. A relação estética desenvolveu-se a partir dos interesses prático-utilitários até alcançar certo nível de autonomia no presente e pode conviver, ainda, com outros e novos interesses que se constituem no processo cultural e que vão dando sentido às experiências. Não há, portanto, uma relação estética que não seja contaminada por outros interesses ou pura como pretendia sua versão clássica. Adorno (1970, p. 21) vai remeter-se a essa questão, dizendo que “a satisfação desprovida deste modo do que em Kant se chama o interesse, torna-se satisfação de algo tão indefinido que não serve para nenhuma definição de Belo”. O que se propõe é que seja predominante um tipo específico de interesse na relação que permita constituir condições para a percepção do sensível da Natureza, inclusive da Natureza interna, numa atenção motivada pelo sim-

ples prazer de viver algo dessa natureza, uma ação com uma forte marca de gratuidade.

Marx (1964) já mostrava horizontes de uma outra possibilidade de conceber a relação ser humano – Natureza a partir de sua unidade, assim como das possibilidades abertas nas atividades que têm um fim em si mesmas, como a sociedade deveria ser, para além da característica pragmática que vai predominando em todas as esferas da vida humana. Nesse tipo de atividade mais distante da utilidade e da necessidade imediata, como diz Eagleton (1993, p. 152) a partir dessa idéia marxiana, a consciência sensível pode permear o “impulso livre para criar”, indicando a natureza ativa e prazerosa que permeia o processo de contemplação estética: “nós experimentamos a riqueza sensível das coisas ao trazê-las para o interior de nossos projetos significativos – e esta instância difere, por um lado, do instrumentalismo bruto do valor de troca e de outro lado da especulação estética desinteressada”.

A presença sensível da Natureza requer a capacidade sensível humana, numa relação singular e imediata na qual os sentidos humanos se encontram envolvidos nessa prática cultural. Essa relação gera uma experiência que envolve a totalidade dos dados sensíveis que a paisagem oferece e a percepção correspondente que põe em movimento um conjunto de sensações, pensamentos, imagens, lembranças, necessidades, pulsões e emoções, numa complexidade indissolúvel e enraizada somaticamente. A experiência assim constituída inscreve-se, radicalmente, no humano, ainda que possa não ser totalmente consciente. Pode constituir uma fruição que, livre das necessidades imediatas, rememora a arcaica unidade perdida em si e com a Natureza.

A fruição de uma experiência estética no grau de envolvimento que as práticas corporais junto à Natureza podem proporcionar coloca em jogo o conjunto dos órgãos e sentidos humanos, retomando as possibilidades sensíveis, eróticas, esquecidas, apesar da degradação que Freud (1973, p. 1.710) denunciava. Juntamente com a consciência do risco a correr ao detonar processos libidinosos no âmbito da experiência estética, encontram-se as possibilidades de a relação com a Natureza ir fornecendo o registro a partir do qual o sujeito se vai reconstruindo, a partir de uma “cativação erótica”, talvez, sem o elemento de “tensão agressiva que marca as relações intra-humanas” no processo, como já indicava Lacan (1988, p. 110)⁸.

⁸ Uma experiência dessa radicalidade poderia mostrar que o sujeito não está tão “adaptado à realidade” quanto se acredita, conforme diz Lacan (1988, p. 99), um dado importante que mereceria uma reflexão mais apurada nesse campo de intervenção. Esse autor (p. 194) leva-me a refletir que o sujeito, em seu “desconhecimento” e em sua corporeidade, expressa mais do que sabe dizer, expressa algo da “ordem do desejo” que lhe diz respeito, constituindo, em toda potencialidade ambígua desse imaginário, diferentes desdobramentos na construção do eu ante o cotidiano.

A situação estética institui, momentaneamente, uma outra realidade, constituída por um tempo e um espaço próprios, contrastando com a realidade cotidiana subjugada pelas necessidades. Adorno lembra que é justamente o contraste, a negatividade que faz com que a estética possa voltar-se “contra o existente e o estabelecido, aproximando-se da ética”, ao mesmo tempo em que remete sua conformação à realidade, o que me deixa sempre em situação de desconforto (TAFALLA, 2002, p. 20). É esse princípio de não-identidade com a realidade que pode levar a um exercício de liberdade, ainda que apenas por um lapso de tempo. Ao tentar compreender e interpretar aquilo que se vive na experiência estética, sem nunca conseguir totalmente, aí mesmo onde está o fracasso, pode residir uma semente de autonomia pelo questionamento permanente, como potencialidade revolucionária da estética. Para Adorno (1970, p. 152), “a genuína experiência estética deve tornar-se filosofia, ou então não existe” e apenas mantendo viva essa possibilidade é que se pode manter a esperança de emancipação. A estética suscita a necessidade de aproximarmos-nos, tanto quanto nos afastarmos da realidade, no estabelecimento de categorias de análise e na construção de uma linguagem expressiva. Compreender a dialética do conceito que pode ultrapassar o dado, oferecendo, como poderia dizer o mesmo autor citado anteriormente, uma perspectiva distinta e reconstrutiva daquela faceta da realidade, mesmo sabendo ser difícil controlar sua pretensa onipotência, ao buscar substituir o dado.

Um último elemento ainda a ser mencionado: a relação com a Natureza proporciona uma experiência estética de um tipo diferente daquele que se trava com uma obra de arte. A Natureza como um dado natural, para reforçar o óbvio, lembra aquilo que não é humano. Sua presença inquietante é testemunha do não produzido por essa civilização em sua lógica prevalente, colocando-se como a própria “Outridade”. Ela recorda aquilo que não somos e poderíamos ser; provoca um estranhamento que ultrapassa significações que possam ser a ela atribuídas. Tal como o corpo, a Natureza escapa à rede discursiva e permite uma qualidade diferente de experiências na relação estética com ela, por não se acomodar facilmente aos esquemas de assimilação que a cultura construiu.

Para além da obra de arte, a Natureza coloca-se como um enigma por definição, porque, diferentemente de tudo mais, não é um produto humano e possui uma dinâmica própria que foge ao controle, apesar de sermos tão crentes na força de nossos aparatos técnicos. Constitui, com essas características, uma possibilidade de abrir-se para um diálogo sensível na relação estética com ela, na direção que Sant’Anna (2001) vai chamar de “composição”. Esse diálogo ante a sua alteridade, ao seu estatuto não humano, pode auxiliar na permanente interrogação acerca do que pode ser o humano.

A crescente mercadorização desse tipo de atividade realizada junto à Natureza, assim como seu rápido processo de institucionalização esportiva, entre outras questões, tem dificultado uma análise crítica mais atenta de suas contradições internas e, também, de suas potencialidades. As possibilidades do ócio, do tempo livre, têm sido muito bem exploradas no âmbito das economias de mercado, mas ainda há muito que compreender sobre o interesse social específico que tanto mobiliza os indivíduos nessas práticas. Refletir sobre sua contribuição para o desenvolvimento de faculdades humanas, na realização dos sentidos humanos que ocorre num processo de educação estética que é, concomitantemente, um processo que poder-se-ia chamar de educação ambiental.

Esse pode ser um elemento para compreender a característica desses encontros com a Natureza, como um lampejo daquilo que poderia ser viver bem em outra ordem econômico-social. Vislumbrar a utopia, em meio à barbárie generalizada, naquilo que está em germe, como Bloch (1977, p. 11) indica, trata-se de “aprender a esperança” na felicidade daquilo que ainda não é, possa vir a ser um dia.

Compreendo que falar da estética, tal como falar do corpo, é ser sempre insuficiente, é constituir um discurso danificado e danificador daquilo a que se remete; um risco a correr só minimizado porque sabe-se disso e porque sabe-se que não há uma verdade última a ser dita, quando se trata da história humana. Sabe-se, também, que mais do que por dever de ofício a emergência da situação social que vivemos exige que sejamos propositivos, avancemos em busca das possibilidades, partindo da realidade que vivemos.

Eagleton (1993, p. 154) vai dizer da importância do impulso lúdico, “sensualizando a razão e racionalizando o poder”. Para tal, como segue o pensamento desse autor, o estético precisa constituir-se como político, perseguindo as necessidades e capacidades humanas até seu enraizamento corporal, “pois na realização dessas capacidades, aquele corpo cessa de ser idêntico a si mesmo e se abre ao mundo socialmente compartilhado, dentro do qual os desejos e necessidades de cada um deverão ser pesados ao lado dos dos outros”.

Juntos, assim, viveremos bem, em toda plenitude que essa expressão possa vir a significar. Talvez seja, como sugere Adorno (1993, p. 138), “[...] flutuar na água, olhando pacificamente para o céu, ‘ser, e mais nada, sem nenhuma outra determinação nem realização’, eis o que poderia ocupar o lugar do processo, do fazer, do realizar, e, assim, cumprir verdadeiramente a promessa da lógica dialética, de desembocar em sua origem”. Esta, talvez, seja a grande contribuição das experiências estéticas com a Natureza: vislumbrar que é possível vivermos bem, juntos, e mais nada...

Aesthethical relations with nature

ABSTRACT: This article, part of an undergoing research, aims to discuss some conceptual elements necessary to analyse possibilities of Nature aesthethical relations – understanding this interpretation as its greek radical aisthesis: sensibility – centered, therefore, at the body and the corporal experience. Using a conceptual reflexion, the idea is to analyse how possibilities of stabilished relations through adventure performances into Nature contribute to an emancipatory perspective, aware of its ambiguities generated by the tensions of its historical constitution and actual uses, as the function of the aesthethical speech that prevails in market economies.

KEY WORDS: Aesthetic; nature; body; physical education.

De las relaciones estéticas com la naturaleza

RESUMEN: Este artículo es parte de una investigación aún en desarrollo, y intenta discutir algunos elementos conceptuales necesarios para el análisis de las posibilidades de las relaciones estéticas con la Naturaleza, siendo esta entendida en la acepción del radical griego aisthesis como sensibilidad, centrada, por lo tanto, en el cuerpo y en la experiencia corporal. Tratase de analizar con la reflexión conceptual como las posibilidades de las relaciones establecidas por medio de prácticas de aventura en la Naturaleza pueden contribuir para con una perspectiva emancipatória, ciente de sus ambigüedades constituidas en las tensiones de su construcción histórica y de sus usos actuales, así como la función del discurso estético que prevalece en las economías de mercado.

PALABRAS CLAVES: Estética; naturaleza; cuerpo; educación física.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. *Mínima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. *Revista Apunts*, Barcelona, n. 41, p. 108-123, 1995.

BLOCH, E. *El principio esperanza*. Tomo I. Madrid: Aguilar Ediciones, 1977.

BUFFET, C. Les larmes de l'Olympe. *Le Monde*, 1 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/web/dh/0,14-0@14-0@2-3244,39-24159078,0.html>>. Acesso em: 1 ago. 2006.

EAGLETON, T. *A ideologia da estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FREUD, S. Sobre una degradación general de la vida erótica. In: _____. *Obras completas*. 3. ed. Vol. II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973.

HOMERO. *Obras completas*. Barcelona: Montaner y Simón, 1955.

INÁCIO, H. L. de D. Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção. *Revista Pensar a Prática*, v. 9, n. 1, p. 45-64, jan./jun. 2006.

JIMENEZ, M. *Esthétique*. Dictionnaire nouveau petit Robert. Paris: Le Soil, 2003. Disponível em: <<http://www.cns-edu.net/>>. Acesso em: 26 ago. 2006.

PERETI, É. S.; SILVA, A. M. A técnica moderna e o corpo desafio. *Revista Pensar a Prática*, v. 8, n. 2, p. 181-195, jul./dez. 2005.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

KLANICZAY, G. Entre visions angéliques et transes chamaniques: le sabbat des sorcières dans le Formicarius de Nider. *Médiévales*, n. 44, 2003. Disponível em: <<http://medievales.revues.org/document710.html/>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MARCUSE, H. *Eros y civilización*. 5. ed. Trad. Juan García Ponce. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos: textos filosóficos*, v. 22. Portugal: Edições 70, 1964.

MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SANT'ANNA, D. B. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 48, p. 7-29, ago. 1999.

TAFALLA, M. *La memòria com el nou imperatiu categòric: el pensament ètic de T. W. Adorno*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.

VAUSE, M. Knights of Nothingness: wildness in the literature and practice of mountaineering. *Trompeter*, Quebec, v. 9, n. 4, 1992. Disponível em: <<http://trumpeter.athabascau.ca/content/v9.4/vause.html>>. Acesso em: 15 jul. 2006.

VÁZQUEZ, A. S. *Convite à estética*. Trad. Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Recebido: 25 set. 2006

Aprovado: 1 nov. 2006

Endereço para correspondência

Ana Márcia Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Educação Física

Campus Universitário Trindade

Bloco 01, sala 10

Florianópolis-SC

CEP 88040-900